

VITALIDADE X EXPERIÊNCIA

Ten Cel
NEY EICHLER CARDOSO

O Exército deve tornar-se centro de uma corrente de idéias largas e livres, discutidas sem preconceitos e sem a intervenção peremptória da injunção hierárquica, por que a imaginação criadora não é monopólio de nenhum escalão.

Gen DE LATTRE DE TASSIGNY

1 Introdução

O rejuvenescimento dos quadros sempre constituiu um tema polêmico, cuja abordagem, sob os mais variados ângulos, as gerações militares do após-guerra assistiram desde a roda do cafêzinho até a reunião de Estado-Maior. A década sessenta, além disso, parece revelar uma frustração maior dos escalões mais baixos da hierarquia, em qualquer ocasião em que o assunto venha à baila. Apontam-se diversas causas: entupimento dos quadros nos postos superiores com a consequente "longa espera dos capitães, contraste com as elites dirigentes empresariais, confronto das gerações devido à aceleração da história, advento do poder jovem etc.

E a dúvida nos assalta.

Serão elas reais ou apenas reflexos de um estado de espírito e de preconceitos que levam o jovem a arranhar, apenas, a superfície do problema?

E mais ainda: haverá mesmo envelhecimento dos quadros, em termos de instituição militar?

Por ocasião da Oitava Conferência dos Exércitos Americanos, realizada na EsCEME em 1968, chamou-nos a atenção a relativa pouca idade dos representantes dos Exércitos latino-americanos ali presentes. Foi a chama no estopim e o levantamento etário e de carreira conduziu-nos ao quadro abaixo e a este trabalho que pretende uma análise do clássico dilema — experiência x vitalidade — como uma contribuição à corrente de idéias que deve fluir nas organizações sem imobilismo.

Qd 1 — IDADE DA PROMOÇÃO AO PÓSTO ATUAL

(Representantes à VIII CEA)

PAÍS (a)	PÓSTO	FUNÇÃO	IDADE DA PROMOÇÃO AO PÓSTO ATUAL
Argentina	Gen Ex	Cmt-em-Chefe do Exército	50
	Gen Bda	Chefe da 5. ^a Seção	44
Bolívia	Gen Bda	Cmt-Geral do Exército	47
	Gen Ex	Cmt-em-Chefe do Exército	56
Chile	Gen Bda	Chefe da 2. ^a Seção	55
	Gen Div	Cmt do Exército	46
Colômbia	Gen Bda	Ministro da Defesa	46
Guatemala	Gen Bda	Chefe do EM da Guarda Nacional	56
Nicarágua	Gen Bda	Ministro da Defesa-Chefe EM	55
Paraguai	Gen Div	Sub-Chefe do EMFA	41
	Gen Bda	Inspetor-Geral do Exército	52
Peru	Gen Div	Chefe das Informações	51
Rep. Dominicana	Gen Bda	Chefe do Estado-Maior	52
	Gen Bda	Inspetor-Geral do Exército	56
Uruguai	Gen	Cmt-Geral do Exército	44
Venezuela	Gen Bda		

(a) Sómente os latino-americanos e cujos representantes eram oficiais-generais.

2. Algumas idéias sobre a velhice

Montesquieu desabafou certa vez: "Que miserável a condição humana! Mal o espírito chega a seu pleno desenvolvimento, o corpo começa a declinar".

Na realidade, se os modernos estudos sobre a evolução do homem demonstraram que o ocaso fisiológico começa até antes do que se imaginava, por outro lado, os progressos da gerontologia retiraram daquelas palavras a tônica da frustração. A velhice é uma fase da existência, com seus próprios valores e limitações. O problema está numa preparação individual e coletiva para ela que evite o radicalismo, seja de pugnar por uma gerontocracia, seja de reinstituir o uso do "mawle" sagrado do Museu Nacional de Estocolmo, com que o filho matava o pai ao atingir 70 anos.

E uma primeira pergunta: quem é velho?

Atualmente nos países desenvolvidos, é o que passa dos 65 anos de idade. Refere-se à figura estatística que se chama — o homem médio — submetido a condições sócio-econômicas que lhe não permitem o encurtamento da vida pela desnutrição e más condições sanitárias e de trabalho. Será válido aceitar essa idade para uma América Latina com uma vida média de 57 anos, sabendo-se que é oriunda de pesquisas da

quarta parte desenvolvida da humanidade, com esperança de vida em torno dos 70?

Espantou-nos ver o descompasso entre a pouca idade e o desgaste aparente das índias carajás. Em contrapartida, é célebre a saúde e a longevidade dos habitantes do vale do Hunza, no subdesenvolvido Paquistão Ocidental, e a imprensa, volta e meia, trata dos camponeses mocróbiros da Bulgária e de algumas repúblicas soviéticas, também não muito desenvolvidas.

E, jogando mais lenha na fogueira, se o desenvolvimento trouxe melhores condições físicas, não trouxe também falta de exercícios e tensão, fatores de envelhecimento?

Recordo sempre o testemunho daquele médico de Estalingrado sobre a "doença do VI Exército". Soldados que morriam sem causa aparente e que lavaram a organizada Wehrmacht a trazer um especialista da Alemanha para autopsiá-los, mesmo durante o cerco. Corações de velhos em corpos de jovens, foi o resultado. A subnutrição e o frio eram fatores de pouca monta em relação à tensão destruidora daqueles meses de combate.

Nos Estados Unidos, a vida média é de 66,7 anos o que lhe dá a 24.^a colocação nas estatísticas, em contraste com seu 1.^º lugar em desenvolvimento. A tensão da civilização pós-industrial é acusada do fato que fêz com que a esperança de vida do homem americano pouco se elevasse desde 1940.

Os diferentes argumentos levam-nos, assim, a aceitar para o caso brasileiro, na falta de melhor base, uma velhice se caracterizando aos 65 anos, o que não impede, contudo, que aceitemos fatos, às vezes contundentes, do declínio físico e psicológico a partir de muito antes.

3. Idade e mudanças fisiológicas

O lento processo de evolução e involução do organismo não se realiza igualmente para todos seus componentes.

O esqueleto pesa o máximo aos 35 anos, torna-se vagarosamente mais leve e poroso até os 65 e daí em diante declina mais rapidamente. A cabeça cresce até os 50 anos e a parede crâniana, em lento e incessante espessamento, é pouco mais grossa aos 70 anos do que aos 30. A face alonga-se com a idade e o nariz e a boca se tornam maiores. O cabelo embranquece e se torna mais ralo. A pele, de uma maneira geral, fica mais áspera e enrugada, sofre alterações dos tecidos e apresenta maior demora na cicatrização dos ferimentos.

Os músculos estriados podem aumentar de volume e densidade até cerca de 50 anos, iniciando-se a degeneração um pouco mais tarde; já os músculos lisos pouca alteração apresentam da infância à velhice. A capacidade vital, que atinge o ápice aos 20 anos, decresce daí em diante.

O cérebro atinge seu peso máximo aos 20 anos, cerca de 1.400 g em média, diminuindo a partir daí, para atingir 1.200 g aos 80 anos.

Com o correr da idade começa a atrofia das circunvoluçãoes e a ampliação dos sulcos e fissuras; alteram-se e diminuem de número as células da córtex; esclerosam-se os vasos e fibrosam-se as membranas.

Nas estatísticas americanas, as doenças do coração, câncer e lesões vasculares afetando o cérebro são as primeiras dos 45 aos 64 anos; depois dos 65, as lesões vasculares desalojam o câncer e passam para o segundo lugar. Nas doenças mentais, a partir dos sessenta começa a proeminência da arteriosclerose cerebral e das psicoses senis. O processo acelera-se a ponto de, em 7 estados americanos, uma pesquisa ter acusado quase 1% da população acima de 65 anos como pacientes dos hospitalais e doenças mentais do Estado.

A tireóide atinge o máximo de peso aos 35 anos e começa a diminuir vagarosamente desde então, com decréscimo evidente de atividade nos últimos anos da existência. Os testículos têm seu peso máximo aos 35 anos, diminuindo até os 50 e mais lentamente nos anos seguintes. A atividade sexual, no entanto, parece ter seu pico na altura dos 20 anos, com lento decréscimo através da idade madura e apresentando a impotência cada vez mais comum a partir dos 55 anos.

Após os quarenta, a homeostase passa a constituir problema crescente, isto é, o organismo tem capacidade cada vez menor de ajustar-se às condições ambientais. As menores possibilidades de dissipaçāo de calor através da pele, devido a glāndulas sudoríparas deficientes, artériolas contraídas ou, mesmo, capilares degenerados dificultam a manutenção do equilíbrio térmico num meio quente; a atividade metabólica mais reduzida e o menor vigor muscular são obstáculos à adaptação ao ambiente frio; uma atividade física mais forte não encontra reação glandular correspondente, a função renal é mais baixa e os batimentos cardíacos menos pronunciados, o que ocasiona grande dificuldade de recuperação das condições normais do corpo.

Os sentidos, com o correr do tempo se tornam menos aptos e sensíveis.

O ouvido, surpreendentemente, a partir da infância, já começa a perder a capacidade de perceber os tons altos, o que se evidencia claramente aos 40 anos. Assim, as pessoas mais velhas devem a essa diminuição a dificuldade de entender uma conversação, já que a maioria das consoantes, estrutura dos vocábulos, relaciona-se com aqueles tons.

A vista inicia um pouco mais tarde sua involução. Depois dos 30 anos pode começar algum estreitamento do campo visual; em torno dos 40 principia o declínio da acuidade e após os 50, decresce a sensibilidade à escuridão.

Nessa mesma idade, pesquisas esparsas revelam que diminui a sensibilidade ao toque, pressão, dor e movimento. Finalmente, nos últimos anos da vida, parece que diminui o número de papilas olfativas e a sensibilidade ao sabor doce.

O homem, ainda no outono da existência, já está mais menos apto ao esforço físico, mais desprotegido e mais isolado do meio em que vive. Qual será então o período pleno de sua capacidade física?

As verificações de Galton em 1884, confirmadas por Price e Miles em 1931, mostram que entre os 20 e os 30 anos, o homem atinge o máximo de sua força e rapidez de reação, declinando vagarosamente daí em diante. Lehman, em 1951, apresentou um estudo da idade cronológica em relação ao desempenho físico, fruto da análise dos grandes feitos esportivos, que situa entre os 25 e os 30 a idade dos campeões de quase todos os esportes mais violentos podendo, no entanto, haver ases em torno de 40 anos, naqueles mais leves.

Note-se, contudo, que o declínio não implica necessariamente em que todo o homem maduro ou velho seja menos forte ou rápido que o homem médio em sua melhor fase. Ainda mais, no trabalho normal, sem grandes exigências físicas, como verificou Welford em 1951, os trabalhadores mais velhos das fábricas executam suas tarefas com mais cuidado e precisão e têm menos acidentes, tudo em funções onde força ou rapidez são de importância secundária.

4. Idade e trabalho mental

São inúmeras as pesquisas sobre a influência da idade no trabalho mental. Sward, em 1945, comparou grupos homogêneos de nível universitário, com idade média de 66 e 31 anos, sendo evidente a vantagem dos componentes do grupo mais jovem na velocidade de raciocínio; Birren e Botwinick, em 1951, com grupos semelhantes, chegaram à mesma conclusão; outros pesquisadores também indicam a perda progressiva da rapidez de raciocínio que, apesar de compensada pela utilização de métodos diferentes e pelo maior acervo de informação geral, não consegue atenuar a dificuldade ao enfrentar novas tarefas e alcançar a aprendizagem, por parte dos mais velhos.

A memória dos fatos recentes também parece se atenuar, em contraste com a dos fatos antigos que permanece mais firme. Neumann dá como melhor época para a memória a fase entre os 25 e os 30 anos, a partir do que começa a diminuição gradual da retenção e fidelidade das recordações.

Tais observações não significam que o trabalho das pessoas idosas seja de segunda categoria. Pressey, em 1955, apontou como suscetível de ser especialmente bem feito pelos mais velhos o trabalho que envolve supervisão técnica, estabelecimento de políticas, conhecimento acumulado ou discernimento; Vischer, ao estudar as compensações e recompensas da idade avançada, em 1947, atribuiu à experiência da vida a possibilidade de perspectivas mais ricas e, algumas vezes, maior urbanidade e profundezza.

Qual será, pois, o período pleno da capacidade criativa?

Novamente Lehman, em trabalhos de 1949 e 1953, analisou as principais criações literárias e produções científicas da humanidade e

mostrou que a capacidade criativa dos inventores, químicos, escritores de contos e poetas líricos ou satíricos encontrava seu máximo em torno dos 30 anos e a dos matemáticos e escritores de obras maiores, em torno dos 40.

Na realidade, há grandes exceções a serem apontadas por qualquer um, mas o fato inconteste é que, embora com o decorrer da idade o trabalho criador continue bom ou, mesmo, excelente, a época das obras-primas é a do homem jovem, na fase de seu melhor funcionamento fisiológico e psicológico.

Pode-se até concluir que a grande semelhança estatística entre as idades das criações notáveis do intelecto e dos grandes feitos esportivos, em particular os de maior habilidade e menor esforço, faz com que a "dúzia de ouro" da vida física e mental seja a fase dos 25 aos 37 anos.

5. Problemas da transição e do fim

A par das mudanças fisiológicas e psicológicas já apresentadas, a idade vem acompanhada de múltiplas alterações de atitudes, interesses e preocupações. C. Buhler em 1933 e Frenkel e Brunswik em 1936, já notavam que aos 40 anos o homem como que dá uma parada, avalia o resultado obtido em relação ao esforço despendido e se atira a novas tarefas, se o confronto não foi satisfatório; para outros, é gradual o processo de reconhecimento do desnível entre o pico do ideal e a planície das realizações. O fato é que Kuhlen e Johnson, em 1952, estudando o índice de mobilidade de empregados (*turn-over*) encontraram o ápice das mudanças de emprêgo em torno dos 40 anos e o explicaram como tentativas de nova profissão em consequência da frustração ao analisar o balanço dos feitos e constatar que o tempo se escoara em vão.

Atualmente, no entanto, a mobilidade entre o pessoal de nível universitário das empresas dos EUA é intensa desde cedo. O Dr. Edgar Schein, da Escola de Gerência do MIT, estima que as companhias perdem 50% de seus empregados de nível superior nos primeiros 3 a 5 anos de trabalho. Os jovens desejam uma "oportunidade para impacto" e lutam por obter as responsabilidades que almejam, abandonando o emprêgo, se necessário.

Esta ânsia de subir agrava um outro problema que a chamada aceleração da história desencadeou neste século.

O homem maduro, não há muito, encontrava-se ao abrigo da rápida evolução cultural e tecnológica e sua formação profissional capacitava-o a enfrentar quase todos os problemas que encontrasse no decorrer da existência. O veloz desenvolvimento de todos os setores ensombreceu o panorama. Haverá situações que lhe exigirão forçosamente a aprendizagem de novos métodos e, o que é mais dramático, a rapidez da mudança fêz com que a média dos administradores entre 40 e 50 anos possa encontrar-se superada, na capacitação e na qualidade do treinamento, pelos jovens recém-egressos da escola.

Esta ameaça se faz presente de maneira intensa nas nações desenvolvidas.

O psiquiatra John McIver, da US Steel, entrevistou 2.000 gerentes da indústria metalúrgica e constatou que 42% estavam temerosos de não poder manter sua capacidade à altura do desenvolvimento da tecnologia; mais de 1/3 dos alunos dos cursos noturnos de pós-graduação da Escola de Administração de Negócios Northwestern são homens acima de 40 anos.

Um executivo da era pós-industrial trabalha espicaçado pelos jovens que lhe vêm nas pegadas e pretendem superá-lo. Suas consequências são a tensão e a ansiedade.

Ao atingir 50 anos, mesmo sem os problemas anteriores, poderá sofrer a angústia que advém da constatação evidente do declínio. Van Zelst e Kerr, em 1951, estudaram líderes sindicais e verificaram que as duas preocupações mais comuns eram relativas à perda de eficiência no trabalho e à morte.

Posteriormente, a maior dificuldade com a digestão e a eliminação, a grande suscetibilidade à fadiga, às doenças e às variações do ambiente resultarão numa superatenção com o organismo que pode conduzir à angústia excessiva e ao egoísmo; as dificuldades com a percepção e a aprendizagem, e o declínio da energia podem resultar na diminuição da curiosidade e das tendências exploratórias.

Aumenta a preferência pelo trabalho em um único local, com pessoas metódicas e cautelosas, em horários regulares, em suma, tendência ao conservadorismo e à inatividade e má vontade com as mudanças. Strong Jr. atribui isto à dificuldade no desenvolvimento de novos hábitos, fácil únicamente para os mais jovens que não os têm enraizados e dispõem de um excesso de energia a consumir.

A maior necessidade de repouso é um fato. Em 1945, uma pesquisa de opinião pública, nos EUA, mostrou que 86% das pessoas acima de 60 anos iam dormir antes de 23 horas ao passo que só 56% das de 20 anos assim o faziam. A esta menor participação no mundo somam-se uma vida social mais restrita, uma escolha de amigos, livros, etc, de acordo com suas tendenciosidades e, consequentemente, uma visão do mundo mais de acordo com os padrões em que foram formados.

Há evidências de que os velhos tendem a tomar decisões em bases mais absolutas, com menor tolerância aos erros e desconhecimento das graduações do comportamento (Dvorak e Anderson em 1928; Jones em 1929); sustentam, também, suas atitudes com mais firmeza que os jovens, mesmo que se façam esforços específicos para influenciá-los.

Serão a intolerância e o dogmatismo produto de seu maior isolamento do mundo, que os torna menos suscetíveis às mudanças sociais, ou de sua maior convicção na sua grande experiência e no tempo de que dispuseram para dela extrair os ensinamentos?

As opiniões são diversas. Ruch, em 1934, atribuía estas características à perda da "plasticidade neural"; conhecido gerontologista patrício apenas assinala as características dizendo que a "velhice é a idade da rigidez das idéias e das articulações".

Natural, pois, que, nos últimos anos de vida, pareça haver decréscimo de felicidade e aumento dos sintomas de ansiedade ou desajuste-miento. Em pesquisa com indivíduos de mais de 65 anos, cerca de 50% apontaram como melhor período da vida a fase entre 25 e os 45 anos e só 5% consideraram os anos acima de 60.

Tôdas estas e demais mudanças, apesar das pesquisas, devem ser encaradas com restrição, pois, em muitas delas, as diferenças entre as médias não são grandes e as individuais tão largas que o significado prático pode ser pequeno. As influências do meio e nível cultural impedem as generalizações e conduzem, mesmo, a conclusões divergentes. Nos grupos de alto nível, por exemplo, permanece alto o interesse pôr atividades políticas e cívicas e, entre físicos, a maioria dos que tinham 65 anos, ou mais, ainda trabalhavam e queriam continuar.

Este último fenômeno, fundamental para nós, é atribuído à vontade de não abrir mão do poder e da importância, e ao hábito obsessivo, mas, C.A. Mace, sem desprezar êsses fatôres, alvitra outro que considera de muita importância — a lei de reversão da relação meios-fim. Ao iniciar a carreira, o trabalho era um imperativo para a satisfação das necessidades básicas, mas, agora, obtido o padrão de vida desejado, passou a ser a razão da existência. É um fim em si mesmo, nêle é encontrada a auto-realização.

Concordamos, também, com Mace quando diz que, apesar de mais notada entre artistas e cientistas, a reversão é verdadeira para as demais profissões. Particularmente, na nossa, o coronel que não quer ir para casa é uma figura bem conhecida.

6. O generalato até Napoleão

Um notável desempenho atlético ou a realização de uma obra-prima têm poucos condicionantes alheios ao indivíduo ao passo que a posição de liderança se alicerça também, em grau variável, no meio e nos atributos gerais dos liderados. A ascensão de um homem é produto de uma personalidade, estrutura e conduta, que encontrou sua oportunidade num determinado ambiente social. Assim a chefia em qualquer tipo de atividade aparece, ainda segundo Lehman, sómente após os 40 anos e, em alguns casos, nas décadas seguintes. O mesmo autor, examinando as batalhas mais importantes da história, concluiu que a faixa etária dominante dos 198 comandantes de exércitos que as venceram se situava entre os 40 e 50 anos. Tal dado não conduz a nada, no entanto, se, em face dos fatores da liderança, não o considerarmos "pari-passu" com a evolução da guerra.

Entre os gregos e macedônios, o chefe militar, além de conduzir a luta, era também um combatente exímio e, por isso, jovem ou em plena posse do vigor físico e mental. Epaminondas tinha 47 anos em Leuctra; Xenofonte, desafiado por Sotéridas de Sicione, deixou o cavalo, tomou o escudo do soldado e, tendo ainda a couraça de cavaleiro, impulsionou a retirada a tal ponto que Sotéridas foi vaiado e apedrejado pelos outros. Filipe II, com 43 anos em Queronéia, deve ter dirigido de longe o astuto retraimento de sua falange, embora possa ter estado à sua frente no ataque final; Alexandre, dos 22 aos 25 anos, derrotou os persas em Grânico, Issus e Gaugamela e, apesar do controle que exerceu sobre suas tropas, as asas brancas de seu capacete estavam à testa da cavalaria quando carregou naquela última batalha ou na primeira leva que saltava as muralhas de uma cidade sitiada. Na época de Roma, Aníbal, aos 31 anos, já transpusera os Alpes e vencera em Canas; Cipião, o Africano, ao derrotá-lo em Zama estava com 33. Nos albôres do Império, César conquistou a Gália entre 42 e 50 anos e, aos 53, derrotou Pompeu em Farsália. Dêle, diz Suetônio, eram tôdas as virtudes militares de seu tempo: exímio no manejo das armas, na natação e na equitação, estava sempre à frente de suas legiões, no sol ou na chuva. Seu derrotado rival, segundo Vegécio, saltava, corria e lutava como os melhores.

No caminho para os tempos modernos, Átila poupou Roma da destruição aos 46 anos e Belisário, o melhor general do Império do Oriente, tornou-se Comandante-Geral, por seus feitos, antes dos 30. Gengiscã lançou-se ao domínio da China Setentrional aos 41 anos e Tamerlão iniciou suas conquistas ainda mais cedo.

Na idade moderna, o nascimento, a riqueza e a influência política comandavam a carreira dos oficiais e êstes já não eram solicitados fisicamente como na antiguidade. Na guerra viviam com luxo e os grandes generais poderiam ser produto de longa experiência, na maioria homens velhos. Não foi o que aconteceu.

Condé, entre 22 e 27 anos, venceu em Rocroy, Nordlingen, Dunkerque e Lenz; Turenne foi marechal-de-campo aos 24 e marechal-de-França aos 32; Gustavo Adolfo, ao morrer com 38 anos já se havia inscrito no rol dos guerreiros famosos e Frederico, o Grande, tinha 45 anos em Leuthen e Rossbach.

Os fins do século XVIII ainda apresentaram, nos principais exércitos da Europa, um corpo de oficiais predominantemente não profissional, composto de aristocratas e soldados de fortuna, com um nível geral de competência fraco.

Na Prússia, as idéias de Frederico, o Grande, sobre seleção aristocrática geraram um exército cujos postos de chefia estavam em mãos de nobres anciãos e as funções subalternas entre os jovens fidalgos de menor capacidade. A derrota de Iena o tiraria deste passeio pela senilidade, incapacidade e corrupção.

Na Inglaterra, a compra de patentes era o meio de entrar para o exército e nêle progredir. O Alto-Comando dependia essencialmente da influência da Coroa e do Parlamento. O sistema, mesmo assim, permitiu um Wellington, vencedor de Waterloo ao 46 anos.

Na França, a situação era semelhante: os postos proporcionais aos graus de nobreza e a influência política como fator preponderante para as posições de comando. Madame Pompadour influenciou a nomeação de seis comandantes-em-chefe, durante a Guerra dos Sete Anos...

A Revolução eliminou as restrições aristocráticas de ingresso ao oficialato e as guerras napoleônicas facilitaram o acesso aos mais aptos. O exército de 1800 ficou com subalternos velhos, coronéis de meia idade e generais jovens. À época da invasão de Portugal (1808) Berthier tinha 55 anos; Massena, 52; Bernadotte, 40; Murat e Junot, 37; Lannes, Ney e Soult, 35; Davout, 34, Marmont 30 e o próprio Imperador, 35. Esta disposição inversa foi bem sucedida na guerra, na explicação de La Condamine porque "a juventude dos generais assegura às operações uma direção vigorosa e inteligente. Quanto aos quadros subalternos, comunicam à tropa sua experiência e sua solidez".

A ameaça de Napoleão mostrara à Europa e, consequentemente, ao mundo a necessidade da profissionalização do oficial nos exércitos nacionais. Encerrar-se-iam as carreiras meteóricas e não mais haveria comandantes famosos em plena juventude. É significativo que os dois últimos grandes generais de 30 anos se tenham revelado ainda durante o ocaso e o exílio do Imperador em Santa Helena: Bolívar, com 31 anos em Carabobo e 36 em Boyacá, e San Martin, com 38 em Chacabuco e Maipú, obtinham a independência das colônias espanholas da América do Sul.

7. O generalato no restante do século XIX

Durante as campanhas napoleônicas e após elas, a maioria dos países, inclusive o Brasil graças à fuga da Coroa, deram passos positivos para a criação do oficial profissional em bases racionais e, ao findar o século XIX quase todos exigiam sua formação e aperfeiçoamento em escolas e possuíam um sistema regular de carreira.

Na Prússia, as idéias de Scharnhorst, Gneisenau e outros encontraram ambiente favorável após a derrota de 1806. Foram abolidas as restrições de classe e estabelecidas as exigências de formação. O ciclo de reformas, que durou de 1808 a 1812, estabeleceu as promoções basicamente por antiguidade, com um acesso um pouco mais rápido aos oficiais mais aptos e com curso de estado-maior. Os aperfeiçoamentos se sucederam, com novo impulso após a humilhação ante a Dinamarca

em 1848. A vitória do velho Moltke, em 1870, constituiu o coroamento de um sistema que considerara corretamente a segurança de uma sólida preparação profissional coletiva, demorada e sem grandes oportunidades para os bem dotados, como superior aos azares do sistema aristocrático. Este, contudo, baseado na velha tese de que alguns nasceram para mandar e outros para obedecer, dispensava a preparação e o lento palmilhar dos postos e, por isso, favorecia comandos mais jovens. Já era coisa do passado, porém, e o general de 30 anos só teria vez, novamente, nos estertores da Alemanha nazista.

Na França, Saint-Cyr sustentou as reformas de 1818, que impunham o ingresso ao oficialato pelas escolas militares ou pelas fileiras, e impediu o retrocesso ao antigo sistema, desejado pela Restauração. Pela Lei de 1818, dois terço dos oficiais seriam promovidos por antiguidade até coronel; o terço restante das promoções e o generalato seriam por merecimento. Em 1832, passou a ser só a metade das promoções por antiguidade. Pelos meados do século, houve uma parada na profissionalização, mas a derrota de 1870 renovou o impulso.

Apesar das imperfeições, as exigências da carreira pouca oportunidade deram ao surgimento de comandantes jovens.

Na Inglaterra, a segurança geográfica, os ressaibos da ditadura de Cromwell e o sistema de vida mantiveram o quadro de oficiais quase nos antigos padrões até o último quartel do século. Em 1857 criou-se o Colégio de Estado-Maior. Por volta de 1860 passaram-se a exigir exames para a promoção de oficiais jovens e o curso de estado-maior para quem fosse servir nessas funções, mas, só em 1871, ante a ameaça prussiana, Lord Cardwell conseguiu abolir a compra de patentes que ainda era responsável pela grande maioria das nomeações.

O século XIX após Napoleão, apesar dos nacionalismos exacerbados, que propiciaram o crescimento e as oportunidades de ascensão nos exércitos, e das guerras coloniais, da Criméia e Franco-Prussiana, foi uma época de comandantes idosos, exceto nos Estados Unidos durante a Guerra da Secesão. Os sistemas de carreira, que tomavam forma, inclinaram-se para a promoção por antiguidade pelo receio de que se abrissem oportunidades para a volta ao arbítrio. A promoção por merecimento, que ainda hoje é problema, ainda mais o era, ante o desconhecimento das técnicas de avaliação do rendimento.

O maior número de anos passou a ser uma constante dos postos mais elevados e a rigidez das estruturas militares não tolerou uma abertura que permitisse abreviar a carreira dos mais aptos.

No século XX a evolução seria pequena.

8. O GENERALATO NO SÉCULO XX

A 1.^a Grande Guerra demonstrou que a direção das operações militares e o comando de exércitos passaram a ser assunto de veteranos, como se pode ver pelo quadro abaixo.

**Qd N.º 2 — IDADE DOS COMANDANTES MAIS CONHECIDOS
(1^a GRANDE GUERRA)**

País	Direção das Operações	Idade (1)	Cmt de Exércitos	Idade (1)
Alemanha	Von Moltke, o mágico Von Falkenhayn Ludendorff (2)	66 53 50	Von Kluck Von Bulow Von Mackensen Von Hutier Von der Marwitz Von Below	68 68 65 60 59 60
Austria	Von Hotzendorf	62	—	—
França	Joffre Nivelle Pétain Foch	62 57 61 67	Castelnau Franchet d'Esperey Lanrezac Gallieni	63 58 62 65
Inglaterra	Kitchener Robertson	64 55	French (3) Haig (3) Hamilton (3)	62 54 62
Itália	Cadorna Díaz	64 56	—	—

Fontes: Larousse du XX^e Siècle, Encyclopaedia Britannica e outros.

Observações :

- (1) Ao iniciar a guerra ou o desempenho da função.
- (2) A chefia nominal pertencia a Von Hindenburg, de 68 anos.
- (3) Fôrças Expedicionárias Britânicas.

Teria, contudo, a dilatada experiência do quadro de oficiais-generais assegurado a desejada eficiência, no início da guerra?

Joffre, de 2 de agosto a 6 de setembro de 1914, substituiu no comando 2 dos 7 comandantes de exército, 9 dos 21 comandantes de corpos de exército, 23 dos 47 comandantes de divisões da ativa, 10 dos 25 comandantes de divisões da reserva e 3 dos 10 comandantes de divisões de cavalaria. Cadorna, de maio de 1915 a outubro de 1917 exonerou 217 generais, o que, mesmo considerando as substituições devidas ao crescimento do exército e o peso da "mão de ferro" do marechal, é bastante significativo.

A imobilização da frente ocidental, as batalhas de usura e a rigidez de idéias de quase todos os comandos daquela que Churchill chamou "a mais estúpida das guerras" terão alguma correlação com as características já vistas da idade mais avançada?

Fascinante questão psicossocial que a história nunca revelará... A 1.^a Guerra Mundial foi assim uma guerra de velhos. Os países envolvidos tinham seus quadros de oficiais-generais dentro dos padrões, no mínimo estabelecidos no último quartel do século passado. As estruturas militares são rígidas e tradicionais, por isso lentas tanto para assimilar como para aperfeiçoar idéias novas. O sistema de carreira levara quase um século em gestação; difícil seria alterá-lo ainda na infância para obter comandos mais jovens.

Em 1940, defrontaram-se vencedor e vencido. Alemães: uma trinca de veteranos profissionais no comando dos grupos de exércitos, uma dupla mais jovem na direção das operações e um grupo mais jovem e reformista, impulsionando o ferro de lança dos blindados; o plano de ataque era concepção dos mais modernos e, para vencer os mais antigos, fora apresentado por vias pouco ortodoxas. Franceses: uniformemente avançados em idade, na direção das operações, comandos de grupos de exércitos e exércitos; a mentalidade vigorante era sintetizada pela Maginot.

O quadro abaixo analisa as forças em confronto.

QUADRO N° 3 — IDADE DOS COMANDANTES (CAMPANHA DA FRANÇA — 1940)

País	Direção das Operações	Idade	CMT G Ex	Idade	Cmt Ex (1) e Cmt Ex (2)	Idade
França	Cmt-em-Chefe:		Billotte	65	Huntzinger (II)	60
	Gamelin, depois	73	Besson	64	Blanchard (VI)	63
	Weygand	68	Pretélat	66	Giraud (VII)	61
Alemanha	Cmt-em-Chefe:		Von Rundstedt	65	Corap (IX)	62
	Von Brauchitsch	59	Von Book	60	Reinhardt	
	Chefe EM:		Von Leeb	64	Guderian	52
	Halder	56			Hoth	

Fontes: Larrousse do XXème Siècle, Encyclopaedia Britannica e outros.

(1) Os exércitos eram do Grupo de Billotte que suportou o peso do ataque.

(2) Só se pode apurar a idade de um Cmt de Gpt Bld.

Desta vez, a imaginação criadora e o impulso da ala jovem do alto comando alemão haviam se combinado, com alguns tropeços, à experiência cautelosa dos mais antigos, para derrotar o grupo homogêneamente velho de generais franceses cuja muralha de idéias antigas, robustecidas pelo prestígio da vitória passada, só o ariete dos fatos viria derrubar.

Os comandos alemães eram relativamente idosos, no entanto. No decorrer da guerra, particularmente no final, surgiram alguns generais bastante jovens. Eram produtos mais da falta de homens aptos e dos interesses do partido nazista do que de uma política, que chegara a ser formulada, mas, não fôra executada, de abreviar o tempo de carreira para os mais aptos.

Já os ingleses, ainda no início da guerra, apresentaram generais mais jovens nos comandos importantes: Gort, à testa da Fôrça Expedicionária Britânica, com 54 anos; Wavell foi Comandante-em-Chefe do Oriente Médio com 56, sendo substituído por Auchinlek, com 57. Mais tarde Alexander comandou o TO da África do Norte com 52 e Montgomery o VIII Exército, com 55.

Mesmo assim, os padrões tradicionais da carreira não foram abandonados: o general jovem era uma exceção.

Na verdade, só dois países o aceitaram antes da era nuclear: os EUA, pelo pragmatismo da cultura e submissão militar ao poder civil e a URSS, pela quebra das tradições efetuada pela revolução de 1917.

9. O GENERALATO NOS EUA

A luta pela independência americana foi conduzida por Washington que, aos 43 anos foi nomeado Cmt-em-Chefe do Exército Continental pelo congresso de Filadelfia. Na Guerra da Secessão, os mais renomados chefes militares dos campos opostos, Grant e Lee, estavam com 41 e 56 anos, respectivamente, por ocasião de Gettisburg; Meade tinha 48, McClellan e Sherman 43 e Sheridan apenas 32.

O significado da pouca idade dos comandantes não é grande, todavia, se apurada suas causas. Na realidade, o oficial nos Estados Unidos foi bem pouco profissional até a Guerra Civil. West Point, apesar de fundada em 1802, foi durante o século XIX, mais uma escola de engenharia do que uma caserna.

Só em 1858 veio a ter um departamento de tática e, no dizer de Huntington, até a 1.^a Grande Guerra produziu mais diretores de estradas de ferro do que generais. Era comum o ingresso em altos postos, vindo diretamente da vida civil, e West Point não teve nenhum representante entre os trinta e sete oficiais promovidos a general entre 1802 e 1861; destes, vinte e três não tinham quase experiência militar e onze haviam entrado para o exército como capitães ou maiores. Muitos oficiais que abandonaram as fileiras, ao regressarem em tempo de guerra, vinham para postos superiores aos de seus contemporâneos que lá permaneceram. Daí os generais moços.

Até meados do século a antiguidade foi a regra das promoções e, como só foi criado um sistema de reserva remunerada no fim da Guerra da Secessão, os coronéis morriam no posto e alguns oficiais esperavam décadas pela promoção.

De 1870 a 1914, a evolução foi grande: ingresso no oficialato através de escolas, abrandamento do sistema da antiguidade, avaliação periódica da eficiência e exclusão da influência política nas nomeações.

Apesar das regras, Pershing saltou 862 oficiais mais antigos ao ser promovido, de capitão a general, pelo presidente Roosevelt e Leonard Wood, cirurgião que havia sido general de voluntários na campanha de Cuba, também deu um bom salto, desta vez de capitão-médico a general combatente.

As exceções parecem não ter sido prejudiciais, pois Wood foi Chefe do Estado-Maior de 1910 a 1914 e Pershing, aos 57 anos, foi o Cmt da Fôrça Expedicionária na Europa.

Nas duas décadas de paz seguintes, a cúpula militar envelheceu, talvez como consequência do espírito isolacionista e pacifista de uma nação pouco preocupada com a guerra. A ameaça nazista e os problemas do Oriente alertaram o país e, entre muitas medidas, processou-se a diminuição da idade para os comandantes de alto nível. Ao iniciar-se o ano de 1941, os admirantes de posto mais elevado, em sua imensa maioria (94%), tinham 60 ou mais anos de idade; a 1º de julho os sessentões ficaram reduzidos a 39%. Após o ataque a Pearl Harbor, "razaia" semelhante ocorreu no Exército e no Corpo de Fuzileiros.

O Gen Marshall, Chefe do Estado-Maior aos 59 anos, obteve do Congresso as emendas às leis básicas necessárias para a aceleração das promoções. A maioria dos generais americanos mais conhecidos da II Grande Guerra tiveram sua oportunidade graças a essas alterações e ao famoso caderninho onde aquêle chefe militar anotava os nomes dos oficiais que julgava promissores.

A gigantesca ampliação das Fôrças Armadas e a pressão para promoção dos oficiais que mais se destacavam, produziram, ao término do conflito, um quadro de oficiais-generais com idade média nos seguintes valores: 56 anos na Marinha, 51 no Exército e 47 na Fôrça Aérea. No ano culminante da guerra 1944, Eisenhower estava com 54 anos, Bradley (o comandante terrestre de maior responsabilidade da história mundial ao chefiar os 1.200.000 homens do XII G Ex) com 51, Patton com 59, Hodges com 57, Patch com 55 e Clark com apenas 48.

A Lei de Oficiais de 1947, que se baseou nesta experiência, deu ênfase ao sistema de merecimento e estabeleceu a idade limite de permanência na ativa aos 62 anos. A opinião dos grandes chefes militares norte-americanos, embora não incidindo necessariamente sobre a idade de passagem para a reserva, mostra o consenso que deve ter precedido a mudança. Bradley, Presidente da Junta de Chefes de Estado-Maior de 1949 a 1953, afirma: "Não é justo para o soldado ter um chefe que não está

funcionando cem por cento. Tive de substituir, por motivo de doença, vários comandantes durante a 2.^a Guerra Mundial. Napoleão não perdeu nenhuma batalha importante até Waterloo, quando já era um homem enfermo". Ridgway, Chefe do Estado-Maior do Exército de 1953 a 1955, é mais radical: "Gostaria de dizer brevemente o que penso dos padrões que devem prevalecer para os comandantes de grandes unidades. O comandante de divisão deve ter a resistência física, a energia e a reserva dos seus melhores comandantes de batalhão de infantaria, porque seu lugar é ali com êles uma boa parte do tempo. O comandante de corpo, as qualidades de seus comandantes de regimentos de infantaria, o mesmo valendo para o comandante de exército".

Em 1950, a idade média dos oficiais-generais no último posto era de 54 anos na Marinha, 56 no Exército e 51 na Fôrça Aérea, distribuídos numa faixa etária que permitia 21 anos de diferença entre o mais velho e o mais moço general da Fôrça Aérea, 19 anos no Exército e 13 na Marinha.

A situação presente parece não estar muito diversa e o alto-comando permanece constituído de um grupo marcado pela salutar heterogeneidade etária, a grosso modo entre 40 a 60 anos. Representa ela uma real evolução, ditada pela experiência e pelos imperativos da guerra moderna, para que coexistam, no nível de decisão máxima, a maior vitalidade da idade criativa e a experiência, ainda utilizável, no início da velhice.

10. O generalato na URSS

A revolução russa eliminou ou afastou grande parte do alto-comando do exército imperial e extinguiu os postos e graduações. Destruída a antiga organização e ainda não estruturada a nova, os líderes dispararam sem peias para as funções de chefia. O exército russo que, em 1917, tinha como Cmt Supremo um Brusilov de 64 anos, assistiu, no mesmo ano, um Tukhachewsky, de 19, como comandante de dois exércitos e, três anos mais tarde, de tôda a frente ocidental.

Os chefes comunistas iniciavam suas atividades muito cedo: Davis em 1929, analisou 163 dos mais notáveis e verificou que a maioria filiou-se ao partido e exerceu a primeira atividade revolucionária entre os 16 e os 20. O vácuo das cúpulas foi preenchido por muitos dos que estavam iniciando e o exército vermelho foi marcado no berço pelo signo da juventude. A idade limite de permanência na ativa, até 1928, era de 45 anos para comandantes supremos, 36 a 40 para oficiais superiores e 29 a 36 para comandantes médios; pela Ordem 225, de 1928, do Conselho Militar Revolucionário, passou a 50, 40 a 45 e 40, respectivamente.

Em 1937 a 1938, Stalin, indiretamente contribuiu de maneira sanguenta para um rejuvenescimento: no grande expurgo foram eliminados 35.000 oficiais ou comissários dos 100.000 existentes, entre os quais

Tukhachewsky, Chefe do Estado-Maior Geral, os Comandantes-em-Chefe da Marinha e Aeronáutica, dois inspetores de arma, 13 dos 15 comandantes de exércitos, 170 dos 250 comandantes de corpos de exército ou divisões e a metade dos comandantes de brigadas. Os sobreviventes foram rapidamente promovidos. O comando da esquadra do Pacífico foi assumido por D.G. Kusnetzov, com 36 anos; três oficiais aviadores promovidos a brigadeiro, dois anos antes eram segundos-tenentes.

Em 1939, já restabelecidos os postos, a idade limite de permanência na ativa passa, no entanto, a 60 anos para os comandantes de divisão, 55 para os brigadeiros, 45 para os coronéis, 40 para os maiores, 35 para os primeiros-tenentes e 30 para os segundos.

Ao iniciar-se a guerra, Budeny, um dos dois marechais sobreviventes do expurgo, tinha 58 anos; seus companheiros mais famosos, ao atingirem a direção das operações ou comandos de exércitos tinham, respectivamente: Rokossovsky, 48 anos, Konev, Timochenko e Zukov, 46; Malinowsky, 45.

O veterano Vorochilov, de 60 anos, foi encarregado da formação das reservas para o exército...

A busca do equilíbrio continuou se processando após os expurgos e a guerra. Malinowsky, falando de instrutores, diz: "e aqui, como nos ensina o Partido, é importante combinar sabiamente os elementos novos e os antigos — energia explosiva e grande experiência".

A última lei do serviço militar, de outubro de 1967, elevou a idade limite de permanência na ativa dos coronéis para 50 anos, dos maiores para 45 e dos primeiros-tenentes para 40. Visou, segundo o Ministro da Defesa Grechko, reduzir a passagem para a reserva de oficiais jovens e ainda relativamente eficientes.

O ensinamento do partido parece estar presente, no entanto. São mantidos generais mais velhos para maior aproveitamento do investimento nacional na formação dos chefes, menor carga na reserva e maior experiência na cúpula. Os generais mais jovens fornecem a energia explosiva necessária.

A vitoriosa política de expansão da Marinha russa, iniciada em meio da década passada, motivou alterações na estrutura operacional da OTAN e continua uma ameaça. O almirante Sergei G. Korshkov assumiu seu comando em 1956, com 46 anos, e continua no posto.

A tensão com a China tornou-se ainda maior em 1969: em agosto foi nomeado comandante das fôrças do Extremo Oriente, na região fronteiriça, o coronel-general Vladimir Tolubko, de 55 anos.

A URSS, embora partindo de situação quase oposta, chegou à mesma posição dos EUA: generais distribuídos numa faixa etária que permite a combinação da experiência com a vitalidade.

11. Outros países

11.1 — CHINA

- Quando Mao Tse Tung assumiu o poder em 1949, dispunha de um exército, dito de libertação popular cuja história se iniciara com a revolta da guarnição de Nan Chang, 22 anos antes. A primeira fase de sua existência (1927-1937) foi responsável pela formação do grupo de oficiais mais homogêneos e mais solidário, naturalmente os de posto mais elevado e detentores das principais posições políticas. Apesar da pressão de base e do grande número de promoções de agosto de 1966 a dezembro de 1967, continuam as três primeiras gerações militares, componentes daquele grupo (62, 57 e 54 anos), a deter os comandos acima de divisão.

E, no entanto, a idade média dos comandos de nível nacional é de 59 anos, dos comandos de corpo 55, e dos comandos de divisão 52, o que mostra que o generalato na China não está avançado em anos a despeito da hegemonia dos pioneiros.

11.2 — ISRAEL

As particularíssimas condições de Israel, que condicionaram sua doutrina de ofensiva, velocidade e perseguição incessante, impuseram comandos extremamente jovens. Os oficiais estão junto com suas tropas em qualquer situação e seu coeficiente de perdas é muito elevado. O próprio Moshe Dayan é quem nos dá uma idéia da situação etária de seus comandantes ao relatar a reunião de 2 de outubro de 1956, que antecedeu a primeira guerra do Sinai: "Em torno da mesa, assentavam-se os líderes das Fôrças de Defesa de Israel: os comandantes regionais e os chefes dos Corpos Blindados, da Fôrça Aérea e da Marinha. A maioria deles não passava dos trinta anos de idade".

Em 1967, embora os quadros de comando já se apresentassem mais velhos, sua idade ainda era extremamente baixa: chefe de estado-maior, 41 anos; cmt da fôrça aérea, 40; comandante dos três setores do Sinai, 41 ou 42; comandantes de divisão, 38, 42 e um "ancião" de 54; comandantes de brigada, em torno dos 40.

O sucesso obtido mostra que o fator idade, em Israel, não só se coaduna com a estratégia, mas, é um seu componente essencial.

11.3 — ARGENTINA

O Exército argentino mostra até hoje a influência cultural do Exército alemão. Natural que a sofresse também em relação à idade dos comandantes, que, na Alemanha, mesmo no interregno nazista, nunca foi muito baixa. Surpreendentemente, a Argentina, desde antes da II Guerra Mundial, vem diminuindo progressivamente a idade com que

um oficial pode alcançar o bastão de comando. Em 1936, o mais jovem general-de-brigada tinha 54 anos; em 1941, passou a 52; em 1946, 51; em 1951, 48; em 1956, 46; em 1961, 44.

Ao ser criado o posto de general-de-exército em 1946, o primeiro nomeado o foi com 57 anos; em 1961, a idade baixou para 51 anos, o que se vem mantendo, pois, tanto o gen Alsogaray, último comandante-em-chefe, como o gen Lanusse, o atual, são homens que recém atingiram o meio século de existência.

A Argentina conseguiu, em 25 anos, um alto-comando bastante jovem.

12. Brasil

O predomínio da população jovem no Brasil é esmagador: 95% dos brasileiros têm menos de 60 e 80% menos de 40 anos. Uma das consequências é o rejuvenescimento das cúpulas dirigentes, tanto na empresa privada, como na administração pública. Os "jovens capitães da indústria" são notícia costumeira e os ministérios já se acostumaram com secretários-gerais ou mesmo ministros ainda na casa dos trinta. Um exame da idade média dos ministros da Revolução nos dá o seguinte resultado: Presidência Castello Branco, 56 anos; Presidência Costa e Silva, 54 anos; Presidência Médici, 51 anos.

Uma observação mais demorada do atual ministério mostra ainda mais: a idade média dos ministros civis é 48 anos; dos militares em pastas civis, 51; dos militares, 64. A diferença entre militares e civis se explica, em grande parte, porque, nos ministérios militares, a escolha tradicionalmente recai sobre um oficial-general de posto mais elevado, ou seja, vindo de percorrer a carreira, com todas suas injunctions de tempo. Nos ministérios civis, o problema de carreira não se apresenta, normalmente.

Além disso, também contribui para a diferença o fato de que a idade média dos generais do Exército Brasileiro tem se mostrado elevada desde 1900.

O quadro n.º 4 dá uma idéia da evolução.

Verifica-se por élle que suas idades médias sempre estiveram contidas na faixa dos 55 ao 65 anos, bastante alta para qualquer exército dêste século.

A partir de 1947 estão em aumento, sendo as dos generais-de-exército igual a dos marechais do início do século e as dos demais postos mais elevadas do que em 1900. Sómente em duas oportunidades (1900 e 1965) a diferença entre a idade média dos generais-de-exército (marechais) e dos generais-de-brigada foi superior a 7 anos, ou seja, a homogeneidade etária é grande.

O Exército Brasileiro tem assim um quadro de oficiais-generais de idade homogêneamente elevada e com tendência a se tornar ainda mais velho.

13. Conclusões

A curva da evolução orgânica tem o seu ápice antes do que se imagina. A fase áurea do desempenho físico e intelectual é encontrada entre os 25 e os 37 anos, bastante cedo para coincidir com a idade média das posições de liderança na atualidade.

A defasagem da época de rendimento ótimo do homem com aquela em que terá oportunidade de aplicá-lo mais eficazmente numa posição de cúpula, não é verdadeiramente um problema porque existem as variações individuais e os anos de chefia recaem sobre grande parte da faixa de bom rendimento. A situação muda de figura, contudo, quando a chefia, normalmente, é alcançada demasiado tarde.

Para os exércitos, onde o chefe é mais solicitado que na correspondente atividade civil, a questão assume vulto ainda maior.

Um retrospecto histórico mostra que, inicialmente, a predominância das características físicas do chefe militar conduziam ao comando o guerreiro mais apto: experiente, mas ainda jovem. No decorrer dos séculos, embora minimizadas as exigências físicas, as chefias notáveis foram bastante jovens porque sua assunção se fazia em função do nascimento, riqueza ou influência política e os mais capazes se revelavam.

Um aristocrata, guerreiro quase por dilettantismo, podia sair-se relativamente bem ou até brilhar na condução de exércitos ainda estruturalmente simples e cuja chefia quase não demandava em conhecimentos especializados.

A chefia ainda tendia para a juventude.

O dilema — vitalidade X experiência — instalou-se definitivamente nos exércitos com o advento do oficial de carreira, em si já um reconhecimento de que o desenvolvimento tecnológico não mais permitia que a decisão pelas armas estivesse ao azar da intuição de um amador, mesmo de gênio. Na maioria dos exércitos, as exigências de formação, de prazos para acesso aos diversos postos e dificuldade de selecionar os mais aptos sem desair para o arbitrio impuseram uma quarentena, desta vez de anos, aos oficiais potencialmente capazes ao exercício do alto-comando. A situação na hierarquia adquiriu um novo componente, o tempo de serviço, de conotação evidente com a experiência e, consequentemente, avesso à idéia de juventude.

A vitalidade perdera o segundo embate.

A experiência da Segunda Guerra Mundial, na qual os EUA e a URSS, por razões culturais e processos diferentes, apresentaram os quadros de comando mais jovens são um ponto de inflexão no caminho para a acentuação. As características da guerra moderna, de alta, média ou baixa intensidade tornaram cada vez mais verdadeira, para os chefes, a afirmação do Dr. Alexis Carrel: "Para ser verdadeiramente úteis, o caráter e a

inteligência necessitam como substrato o equilíbrio do sistema nervoso, a força orgânica e a imunidade natural às doenças".

Tanto as superpotências, como vários outros países conseguem, atualmente, manter seus oficiais-generais numa larga faixa etária, a grosso modo dos 40 aos 60, que permite uma melhor combinação dos dois fatôres do dilema. As necessidades financeiras do Estado impedem uma baixa idade limite de permanência na ativa, mas, as possibilidades de existência de comandos relativamente jovens são boas.

A situação é de equilíbrio.

14. Fontes consultadas

- ADCOCK, F.E. *The greek and macedonian art of war*. Berkeley and Los Angeles. University of California Press. 1962.
- BRADLEY, Omar N. Liderança. (Fort Leavenworth-EUA). *Military Review*. Edição brasileira 46 (9): 48-53, Set 1966.
- FILIZOLA, Mario. *Como emplacar cem anos*. Rio de Janeiro. O Cruzeiro, 3.^o ed 1966.
- GRECHKO, Andrei A. Nova Lei soviética de serviço militar. (Fort Leavenworth, EUA). *Military Review*. Edição brasileira. 48 (2) 73-77, Fev 1968.
- HUNTINGTON, Samuel P. *El soldado y el estado* Buenos Aires. Círculo Militar. 1964.
- IMAZ, José Luiz de. *Los que mandan: las fuerzas armadas en Argentina*. América Latina. 1964.
- JANOWITZ, Morris. *O soldado profissional. Estudo social e político*. Trad Donaldson M. Garchasgen. Rio de Janeiro. GRD 1967.
- MAGALHAES, J. B. *Noções militares fundamentais*. Rio de Janeiro. Biblioteca Militar. 1945.
- MALINOWSKY, Rodion Y. Novos rumos no ensino militar soviético. Condensação do "Krasnaya Zvezda". (Fort Leavenworth. EUA) *Military Review*. Edição Brasileira. 47 (2): 30-36, Fev 1967.
- MILITARY REVIEW. A marinha soviética (Fort Leavenworth-EUA) *Military Review*. Edição Brasileira. 49 (4): 10-17, Abr 1969.
- MONTAGNON, André. *Traité du chef Paris*. Berger-Levrault. 1954.
- PRESSEY, Sidney L. (e Raymond G. Kuhlen). *Psychological development through the life span*. New York. Harper and Brothers. 1957.
- RIDGWAY, Matthew B. Liderança (Fort Leavenworth-EUA) *Military Review*. Edição Brasileira. 46 (10): 40-49, Out 1966.
- SHOEMAKER, R.L. Guerra árabe-israelense (Forth Leavenworth — EUA). *Military Review*. Edição Brasileira. 48 (8): 56-69, Agô 1968.
- TIME. Edição latino-americana:
- The rising pressures to perform, 18 Jul 1969, pág. 61.
 - The generation gap in the corporation, 15 Agô 1969, pág. 52.
- WHITE, D. Fedotoff. O exército vermelho. Rio de Janeiro, O Cruzeiro. 1945.
- WHITSON, WILLIAM W. As gerações militares chinesas. Condensação de "Asian Survey" (Fort Leavenworth — EUA) *Military Review*. Edição Brasileira 49 (4): 39-55, Abr 1969.

Qd 4. IDADE MÉDIA DA CÚPULA

a. Apresentação tabular da evolução

Ano Ponto	1900	1905	1910	1915	1920	1925	1930	1935	1940	1945	1950	1955	1960	1965	1969
Mal	64	65	62	60	65	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gem Ex	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60	63	63	64	65
Gem Div	59	59	62	62	63	60	60	59	61	62	58	58	59	62	60
Gem Edm	55	57	58	58	59	55	58	56	58	59	55	57	59	60	57

OBSERVAÇÕES

1. Não computados os técnicos e de serviço
2. Fonte. Almanaque do Exército

b. Apresentação gráfica da evolução

